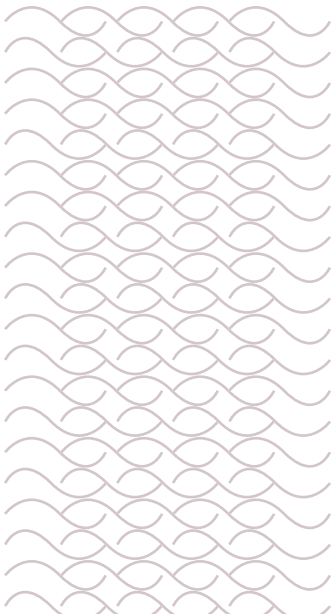
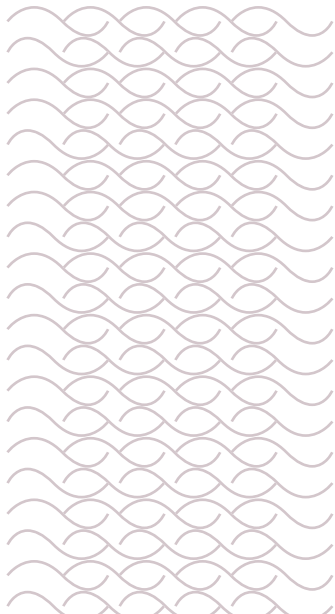


TESE



Produção social de sentidos em processos interculturais de comunicação e saúde: a apropriação das políticas públicas de saúde para ciganos no Brasil e em Portugal

Autor: Aluizio de Azevedo Silva Júnior – Fiocruz

Do preconceito histórico às políticas públicas de saúde: uma escuta às vozes ciganas

João Vitor Leal

Faculdade Paulus de Comunicação – FAPCOM
<Joao.leal@fapcom.edu.br>

Frequentemente empenhados em analisar as situações de desigualdade e exclusão social enfrentadas por minorias étnicas, pesquisadores da Comunicação lidam com questões metodológicas de peso: como adequar o ímpeto racionalizante do estudo ao modo de vida do outro? Como preservar e valorizar esse modo de vida do outro – sua cultura, seus costumes e crenças, sua alteridade mesma – sem abdicar do olhar crítico e do rigor teórico-conceitual postulados pelo saber acadêmico? Como tornar o saber acadêmico permeável a outros saberes?

O pesquisador Aluizio de Azevedo Silva Júnior dá a essas questões uma resposta exemplar, conferindo nova visibilidade a uma minoria pouco abordada: os povos ciganos. Sua tese de Doutorado, vencedora do Prêmio Compós em 2019, busca compreender como se dão a elaboração, a comunicação e a apreensão de políticas públicas de saúde para ciganos no Brasil e em Portugal. A tese parte da constatação de que, embora tenham a universalidade como princípio básico e configurem diversas instâncias de participação social, tanto o Sistema Único de Saúde brasileiro (SUS) quanto o Sistema Nacional de Saúde português (SNS) se moldam numa lógica burocrática incapaz de reconhecer plenamente as especificidades das comunidades ciganas. Sem voz efetiva na elaboração das políticas públicas, mal representados pelas normativas e peças informativas dos órgãos de saúde e sem o acolhimento adequado nos centros de atendimento, os ciganos veem perpetuar, por trás dos eventualmente bem-intencionados discursos governamentais, uma política excludente e persecutória.

Desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS) da Fundação Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz) e com apoio do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI) da Universidade Aberta de Lisboa (UAb), a pesquisa compreende um extenso trabalho de campo. A fim de produzir conhecimento “com as pessoas ciganas e não sobre ou para os ciganos” (p. 21), o pesquisador foi ao encontro de comunidades ciganas nos dois países, superando as escassas fontes documentais e bibliográficas e as vozes oficiais de gestores e profissionais de saúde. Ele

próprio cigano da etnia Kalon e técnico em Comunicação do Ministério da Saúde, Azevedo Silva ocupa, em sua tese, um estratégico duplo lugar de interlocução: “a identidade Kalon abriu uma escuta profunda que jamais poderia ser feita apenas por um técnico ou por um pesquisador não cigano”, ao passo que “a identidade de técnico em comunicação do MS e pesquisador do tema conquistou a confiança dos interlocutores não ciganos, como profissionais de saúde ou ligados ao Estado” (p. 194-195).

Dessa forma, o trabalho dá voz a demandas e denúncias de pessoas ciganas, contrapondo-as a uma realidade discursiva hegemônica que deixa transparecer uma longa história de desinformação e preconceito. Após o capítulo introdutório, o autor articula, com desenvoltura notável, três campos que serão os pilares teóricos da tese: os estudos decoloniais, os estudos culturais latino-americanos e a semiologia e análise dos discursos sociais. O desenvolvimento teórico se ampara em particular no reconhecimento das “Epistemologias do Sul”, noção com que Boaventura de Sousa Santos reclama a valorização de saberes e práticas dos povos oprimidos pelo colonialismo, e na compreensão da comunicação como um “mercado simbólico” – perspectiva que denota a profícua influência de Inesita Soares de Araujo, orientadora do trabalho.

No terceiro capítulo, voltado à discussão da metodologia empregada na pesquisa de campo, a figura central é o antropólogo e cineasta Jean Rouch. Em seus documentários, Rouch visava, mais do que uma suposta realidade objetiva, registrar a subjetividade e o imaginário dos sujeitos filmados. Ele engajava seus “atores” num exercício de auto *mise-en-scène* em que eram chamados a colaborar com a composição dos planos, com a decupagem das cenas e muitas vezes, assistindo às imagens na etapa de pós-produção, com a montagem e a locução. Trata-se de uma dinâmica pautada pelo improvisado e que, diferentemente dos documentários tradicionais e da etnografia clássica, não admite roteiro senão aquele elaborado coletivamente no momento mesmo do encontro com o outro. Em sua leitura dessa matriz fílmica intercultural, Azevedo Silva registrou a maior parte dos encontros em vídeo e promoveu a troca de mensagens gravadas entre comunidades brasileiras e portuguesas, num gesto militante que extrapola o interesse acadêmico e avança politicamente no fortalecimento de uma rede transnacional de resistência da identidade cigana.

O método rouchiano leva a uma escuta qualificada, perceptível na riqueza dos depoimentos transcritos na tese. Por outro lado, ele também sugere ao leitor a escrita de um filme documentário ainda por ocorrer.¹ Uma vez que as transcrições não podem exprimir de todo a dinâmica dos encontros nos quais foram construídos/captados os depoimentos, podemos apenas imaginar os lugares, os enquadramentos, as eventuais sobreposições de vozes, olhares cúmplices, entonações, emoções e hesitações – elementos que, embora ínfimos e fugazes, seriam capazes, como afirma o próprio pesquisador, de revelar sentidos e contextos latentes, irredutíveis ao discurso verbal (p. 202; 490-492). A escrita audiovisual talvez permita, de modo mais incisivo e profundo que a redação acadêmica, questionar o lugar do pesquisador e a performance de seus interlocutores “atores”. A dimensão afetiva do discurs-

¹ Para o projeto de financiamento coletivo que visa a produção de um filme documentário com o material gravado na pesquisa de campo, ver <https://www.catarse.me/calonalchon#about>. Acesso 15 jan. 2020.

so e as possibilidades de sua emergência no meio audiovisual, embora tenham claramente informado o trabalho de campo, escapam à discussão desenvolvida na tese.

É mais precisamente nos dois últimos capítulos que a tese debate o contexto histórico dos povos ciganos, sua participação na elaboração das políticas públicas e suas experiências nos centros de saúde. O capítulo 4 apresenta as principais etnias ciganas (Kalon, Rom e Sintí), ressaltando que os poucos documentos disponíveis não permitem identificar ao certo sua origem e os motivos de sua chegada à Europa ocidental no início do século XV. Apesar disso, registros oficiais e relatos de época desenham uma teia de violências física, institucional e simbólica: já em 1417, contava-se na Alemanha sobre “estranhos que viajavam em bandos” e que seriam “grandes ladrões, em especial as mulheres” (p. 243), e leis espanholas do século XVI os proibiam de falar seus idiomas próprios e de estabelecer trocas comerciais com não ciganos (p. 246). Em Portugal, um decreto de Dom João III estabeleceu, em 1549, o degredo de ciganos para as colônias (p. 248) e, uma vez no Brasil, muitos ciganos optaram (e ainda optam) por “não assumir a identidade cigana como forma de resistência e sobrevivência”, mesmo após as garantias promulgadas pela Constituição de 1988 (p. 258). O próprio nomadismo, traço marcante da cultura cigana, seria menos uma escolha do que o resultado de uma “política de expulsão continuada” (p. 404) responsável pela estigmatização dos ciganos como trapaceiros perigosos e bandidos violentos.

Por fim, o quinto e último capítulo destaca os impasses entre a cultura cigana e os sistemas públicos de saúde, como a preferência dos ciganos por práticas medicinais alternativas à base de ervas, plantas e orações (p. 429) ou a percepção, por parte dos profissionais de saúde, de aspectos sexistas nos modos de vida ciganos mais tradicionais – com frequência, os ciganos se recusam a ser atendidos por profissionais do sexo oposto e rejeitam medidas preventivas de educação sexual e planejamento familiar (p. 458-462). Azevedo Silva observa ainda que o absenteísmo e a falta de acompanhamento no uso de medicamentos, aspectos críticos da saúde cigana, se devem sobretudo a um entendimento da saúde como ausência de doença e, portanto, “ausência de frequência aos serviços médicos e hospitalares” (p. 455).

Ao longo de todo o texto, alavancados pelos depoimentos transcritos, vem à tona uma série de episódios reveladores da articulação entre política, cultura e comunicação. Num deles, Azevedo Silva conta como se deu seu primeiro contato com o acampamento cigano de Nova Canãa, em Brasília – os líderes do acampamento solicitaram que o pesquisador incluísse sua própria família na pesquisa como forma de “garantia e comprovação de que de fato eu era cigano” e de assegurar a “possibilidade do processo de aliança política entre as duas comunidades” (p. 234). Noutro episódio, o autor identifica, como um dos principais conflitos entre ciganos e profissionais da saúde, o “excesso de parentes visitando o doente cigano no hospital” – enquanto médicos e enfermeiros relatam incômodo com a desobediência dos ciganos para com os protocolos hospitalares, os ciganos reafirmam seu modo de vida fundado na “solidariedade e no respeito à família” (p. 436-437).

Construído a partir de um estratégico duplo lugar de interlocução, com trabalho de campo rigoroso e fundamentação teórica consistente, a tese analisa a adequação das políticas públicas de saúde para ciganos ao mesmo tempo que interfere na realidade estudada ao

articular espaços para as próprias vozes ciganas. Recorrendo aos métodos de produção de um documentário possível, o pesquisador oferece uma contribuição valiosa às disciplinas do campo das Ciências Sociais, reafirmando a comunicação como instrumento indispensável ao exercício da cidadania e à transformação social.

Data de recebimento: 23/01/2020

Data de aceite: 02/03/2020

Dados dos autores:

Autor da resenha

João Vitor Resende Leal

<http://lattes.cnpq.br/7148891835274302>

Doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Universidade de São Paulo (ECA-USP), com período sanduíche na Université de Montréal. Atualmente, é professor assistente do curso de Produção Audiovisual da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (Fapcom). Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Master I em Ciências da Comunicação pela Universidade Stendhal Grenoble-3 (Programa Grenoble-Brasil 2008-2009) e Master II em Estudos Cinematográficos e Audiovisuais pela Universidade Sorbonne-Nouvelle Paris-3 (Bolsa Master Île-de-France 2012-2013). Doutorado com apoio de bolsa de estudos CNPq e FAPESP.

Autor da tese

Aluizio de Azevedo Silva Júnior

<http://lattes.cnpq.br/0605002116659423>

Cigano Kalon, doutor pelo Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS/ICICT) da Fundação Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz, 2014-2018). Doutorado Sanduíche no Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI) da Universidade Aberta de Lisboa (UAb), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (CAPES/MEC). Vencedor do Prêmio Compós de teses e dissertações Eduardo Peñuela 2019. Menção Honrosa na Categoria Ciências Humanas e Sociais do Prêmio Oswaldo Cruz de Teses 2019. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT, 2007-2009). Especialista em Cinema, pela Universidade de Cuiabá (Unic) e a Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso (SEC-MT, 2006-2007). Graduação em Comunicação Social – Jornalismo (2002) e Ciências Sociais (2006) pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Desde setembro de 2019, professor bolsista da disciplina de Estágio Supervisionado I do curso de Artes Visuais da Unemat. Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Saúde desde 2014, cuja linha de pesquisa atua sobre “A Comunicação nas Políticas Públicas de Saúde” e onde atualmente integra a equipe de pesquisa “Comunicação e Desigualdade”. Colaborador Associado do Grupo de Investigação Saúde, Cultura e Desenvolvimento do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI) da Universidade Aberta de Lisboa (UAb)